

PAYS SANS CHAPEAU: UMA AUTOFICÇÃO AMERICANA, ENTRE O REAL E O SONHADO

Irene de Paula

RESUMO

O presente artigo faz uma análise do romance *Pays sans chapeau* do escritor haitiano, residente no Quebec, Dany Laferrière. E procura mostrar como o retorno do autor-narrador depois de uma longa experiência no exílio ao país natal (Haiti), onde redescobre o país real (público e privado) e o país sonhado e mitológico, contribui para a elaboração de um texto autoficcional que traduz tanto **na forma como no conteúdo a experiência do entre-lugar.**

PALAVRAS-CHAVE: autoficção, exílio, Haiti.

Tout ce que j'aime c'est croire que la vie rêvée d'un individu est intimement mêlée à sa vie réelle. On peut rêver sa vie. Je suis tissé de rêves. Voilà, c'est moi, plus rien à dire¹

Dany Laferrière escreveu em dez volumes o itinerário de um jovem haitiano (seu alter ego) através de três países do continente americano – passando por Petit Goâve, Port-au-Prince (Haiti), Montreal (Canadá), Nova Iorque e Miami (EUA). Estas dez obras poderiam, segundo o autor, compor um único livro que resumiria o que chamou de sua “autobiografia americana”. O autor reflete, através da escrita, sobre como sua identidade vai sendo construída à medida que é atravessado por essas diferentes culturas, constitutivas do universo americano, com as quais convive e que o formam.

¹ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lancôt, 1999. p. 12.

Laferrière, que se considera um escritor americano² – “*on parle toujours de moi en termes de territoire. Or, je ne me sens pas Haïtien, ni Québécois. Plutôt Américain*”³ – é parte da grande comunidade haitiana que migrou para o Quebec entre as décadas de 60 e 80, fugindo da ditadura duvalierista.

*Pays sans chapeau*⁴, texto que abordarei neste artigo, é o último romance⁵ desta longa “autobiografia” – que narra sua infância e adolescência no Haiti, a experiência do exílio no Quebec em função do regime ditatorial, o início da carreira de escritor neste país, suas impressões dos Estados Unidos, país onde morou durante alguns anos e, finalmente, o retorno ao país natal, vinte anos depois. Neste romance, o autor-narrador, transformado pela experiência diaspórica, faz o caminho de volta às origens (Haiti), a fim de rever um mundo com o qual, apesar da distância física, jamais deixou de sonhar.

A “autobiografia americana” pode ser dividida em duas etapas, a do ciclo haitiano e a do ciclo americano, que narram sucessivamente a vida do autor-narrador antes e após o exílio⁶. Nos romances do ciclo haitiano, que narram a infância e o início da adolescência, o narrador tende a ser doce, quase ingênuo, cercado de mulheres e cuidados familiares.

As pessoas pensam que dois indivíduos tão opostos não podem coexistir em um mesmo ser humano. Na opinião delas, um dos dois deve ser falso. Uma mesma pessoa não pode escrever *L'Odeur du café* depois de ter escrito *Comment faire l'amour...* Elas acham que eu as enganei⁷.

² Do continente.

³ LAFERRIÈRE *apud* MATHIS-MOSER, Ursula. *Dany Laferrière: la dérive américaine*. Montréal: VLB Éditeur, 2003, p. 34.

⁴ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999.

⁵ Da ordem cronológica, não da de publicação.

⁶ Romances do ciclo haitiano : *L'Odeur du café* (1991), *Le Charme des après-midi sans fin* (1997), *Le Goût des jeunes filles* (1992), *La Chair du maître* (1997), *Le Cri des oiseaux fous* (2000). Romances do ciclo americano : *Chronique de la dérive douce* (1994), *Comment faire l'amour avec un nègre sans se fatiguer* (1985), *Éroshima* (1987), *Cette Grenade dans la main du jeune nègre est-elle une arme ou un fruit?* (1993), *Pays sans chapeau*, (1996).

⁷ LAFERRIÈRE, Dany. *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit?* Montréal: VLB Éditeur, 2002. p. 2-3.

Já os romances do ciclo americano marcam uma mudança de perspectiva do autor-narrador, que se torna mais irônico e menos transparente. Ao deixar o Haiti para viver no Quebec, o autor se descobre negro, pela segunda vez, já que essa “novidade” o havia surpreendido na adolescência através dos debates indigenistas⁸: “Et brusquement je suis devenu noir. Oui, je vais à l’école, et puis on dit « l’école indigéniste ». On m’apprend que j’étais noir, on m’apprend que toute la culture haïtienne est basée là-dessus et que Price-Mars avait écrit un livre pour dire qui j’étais”⁹.

Enquanto o Indigenismo buscava valorizar a cultura negra, o que estava em jogo no exílio era bem diferente: exclusão e preconceito, e uma consequente necessidade de autoafirmação. A partir daí a identidade do narrador vai sendo construída em termos de diferença. O autor cria, assim, uma espécie de lenda em torno de sua existência, construindo paralelamente à realidade um roteiro fantasmático, bem estruturado e com estreita relação com o desejo.

A “autobiografia americana” de Laferrière, a qual ele costuma chamar de “autobiografia das emoções” possui, nesse sentido, particularidades que a distanciam da definição clássica do gênero autobiográfico – tradicionalmente caracterizado como uma narrativa em prosa em que um autor (uma pessoa real) narra a história de sua vida pessoal e personalidade, se comprometendo-se a dizer “a verdade” sobre ambas. Cria-se, então, um pacto fundamental entre leitor e autor, no qual um se compromete a dizer a verdade e o outro a acreditar nela. Segundo Philippe Lejeune¹⁰, este pacto, que deverá ser sempre respeitado para que haja autobiografia, se resume, essencialmente, nos seguintes pontos: o autor, o narrador e o protagonista precisam ser a mesma

⁸ O Indigenismo – importante movimento artístico e literário que precedeu e influenciou o movimento da Negritude – foi criado no Haiti na década de 20 por jovens mulatos de origem burguesa e recém chegados da Europa. Esses jovens descobrem e se envolvem no velho continente com os movimentos estéticos e políticos das vanguardas e retornam à América com diferentes e irreverentes propostas artísticas, intelectuais e literárias. Muitas mudanças culturais e políticas estavam acontecendo na Europa: o comunismo e a crítica aos valores burgueses, a valorização da arte negra (Picasso passou se interessar pelas máscaras africanas e diversos artistas e escritores começaram a voltar a sua atenção para a África), o Dadaísmo, o Cubismo, as pesquisas etnográficas.

⁹ LAFERRIÈRE, Dany. « Découvrir Haïti à travers ses écrivains. L’identité culturelle haïtienne », <http://perso.infonie.be/easy/conf%20laferriere.htm>, 2000.

¹⁰ LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

peessoa; o nome do autor será o mesmo do narrador e deverá constar na capa e na folha de rosto do livro; os acontecimentos narrados devem ser verdadeiros, baseados em fatos reais, os personagens evocados devem ter realmente existido e uma declaração que diga que se trata de uma história real, e não ficcional, deve constar no livro. Em síntese, é, sobretudo, na verdade que se ancora este gênero. A “autobiografia americana” de Laferrière, ao contrário, se situa em um ponto intermediário entre a realidade e a fantasia, a ciência e a mitologia, a experiência vivida e a experiência sonhada, o passado e o presente, a seriedade e a ironia. É principalmente na ambivalência do desejo que esta se ancora. Mesmo que retome dados referenciais, factuais, estes estão em segundo plano quando comparados aos fantasmas, emoções e sensações do autor. Segundo Laferrière, tudo o que escreve é, simultaneamente, verdadeiro e falso; verdadeiro porque se trata de sua emoção e falso porque ele é capaz de tudo inventar para (re)encontrar e traduzir essa emoção.

Laferrière deixa bem clara na “autobiografia americana” ao nomear os cinco livros do ciclo haitiano de “quinteto dos sentidos” – *Le cri des oiseaux fous*¹¹ representaria a audição, *Le goût des jeunes filles*¹², o paladar, *L'odeur du Café*¹³, o olfato, *Le charme des après-midi sans fin*¹⁴, a visão, *La chair du maître*¹⁵, o tato – e os quatro romances do ciclo americano de “quarteto das cores”. Sua experiência no exílio o fez compreender a questão racial através das cores: o vermelho, o preto, o amarelo e o branco; as quatro cores primárias, segundo Matisse, e ao mesmo tempo as cores das quatro “raças”. Em *Chronique*¹⁶, o índio representa o vermelho; em *Éroshima*¹⁷ a japonesa e a comunidade asiática representariam o amarelo; em *Cette grenade*¹⁸ e *Comment faire l'amour*¹⁹, temos o negro e o branco. O autor

¹¹ LAFERRIÈRE, Dany. *Le cri des oiseaux fous*. Paris: Le serpent à Plumes, 2000.

¹² LAFERRIÈRE, Dany. *Le goût des jeunes filles*. Montréal: VLB Editeur, 2004.

¹³ LAFERRIÈRE, Dany. *L'odeur du café*. Montréal: Typo, 1999.

¹⁴ LAFERRIÈRE, Dany. *Le charme des après-midi sans fin*. Paris: Le serpent à Plumes, 1998

¹⁵ LAFERRIÈRE, Dany. *La chair du maître*. Paris: Le serpent à Plumes, 2000.

¹⁶ LAFERRIÈRE, Dany. *Cette Grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit?*. Montréal: Typo, 1993.

¹⁷ LAFERRIÈRE, Dany. *Éroshima*. Montréal: Typo, 1998.

¹⁸ LAFERRIÈRE, Dany. *Cette Grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit?*. Montréal: Typo, 1993.

¹⁹ LAFERRIÈRE, Dany. *Comment faire l'amour avec un Nègre sans se fatiguer*. Montréal: TYPO, 2002.

procura misturar as cores (e as raças), assim como um jovem pintor que experimenta tons livremente e sem preconceitos, para em seguida conferir o resultado. *Pays sans chapeau* estaria em uma posição intermediária, aliando ambas as simbiologias, a dos cinco sentidos como metáfora de um contato visceral e instintivo com a realidade do país de origem e a ideia das cores como metáfora do encontro racial presente na experiência do exílio. Isso porque em *Pays sans chapeau*, embora o autor-narrador redescubra o país natal através das diversas experiências sensoriais, que reatualizam lembranças e afetos, carrega consigo uma incontornável bagagem de vida – que é fruto desses encontros e confrontos étnicos.

Sua “autobiografia” se aproxima, neste sentido, do conceito de autoficção, desenvolvido por Serge Doubrovsky²⁰, a fim de questionar a capacidade da autobiografia de fazer o que pretende, ou seja, narrar “a verdade” de toda uma vida. A autoficção estaria, segundo Doubrovsky, em um entre-lugar, entre o real e o ficcional, “impossível e inacessível fora da operação do textual”²¹.

O entre-lugar, se apresenta como a verdadeira realidade, porque “o real” começa onde o sentido vacila. O sentido de uma vida não está em lugar algum, ele não existe. Não se trata de descobri-lo, mas de inventá-lo, não com todas as peças, mas com todos os vestígios; é preciso construí-lo²².

Este entre-lugar de onde parte a autoficção – que muitas vezes gera ambiguidade e dúvidas no leitor – é o entre-lugar da própria vida. A incerteza é um desafio cotidiano. A “verdade” de um sujeito se elabora, nesse sentido, na confluência de elementos vividos, fantasiados e intelectualizados, entre diferentes esferas da realidade, a psíquica e a concreta, a individual e a coletiva. Embora, nenhuma narrativa, sobretudo aquela que é escrita em primeira pessoa, possa ser considerada totalmente veraz e coerente a ponto de escapar da ficção, a autoficção se distingue da autobiografia pelo fato de reivindicar e buscar conscientemente este entre-lugar. O que, em síntese, afirma Doubrovsky é que não seria coerente afirmar que se trata de um novo gênero, mas de um novo

²⁰ DOUBROVSKY, Serge. *Autobiographiques. De Corneille à Sartre*. Paris: P.U.F, 1988.

²¹ DOUBROVSKY, Serge. *Autobiographiques. De Corneille à Sartre*. Paris: P.U.F, 1988. p. 70.

²² DOUBROVSKY, Serge. *Autobiographiques. De Corneille à Sartre*. Paris: P.U.F, 1988. p. 77.

conceito de autobiografia, já que essa escrita híbrida sempre existiu, a exemplo das obras de Rousseau, Proust, Céline, Malraux, entre outros. Mesmo nas autobiografias clássicas, em que o papel da memória se sobrepõe ao da imaginação, há ficção. A autoficção seria, nesse sentido, a versão pós-moderna da autobiografia, mais consciente de seus limites e possibilidades, mais consciente de que o ser humano é plural e está em constante reelaboração. A literatura, segundo Doubrovsky, existe para compensar faltas, falhas, seria um espaço de compensação, construção e descoberta da identidade. Em outras palavras, enquanto a autobiografia busca narrar a história de uma vida se fiando na memória, nas lembranças conscientes, em pesquisa e datas; na autoficção o, “eu” fala de si nas entrelinhas da criação. Assim, a autoficção se dispensa da tarefa de apresentar uma imagem homogênea do sujeito, pouco significativa em tempos pós-modernos, quando se acredita que a verdade, a identidade, a ideologia e a história se constroem, acima de tudo, através de representações e narrativas. O que está em questão na longa autoficção de Laferrière é justamente a paradoxal identidade do sujeito pós-moderno: fragmentada, descentrada, que se busca, revela alteridades e desafia verdades essencializantes. Híbrida por natureza, a escrita autoficcional, segundo o psicanalista e teórico da literatura Simon Harel, expressa um impasse produtivo e tipicamente pós-moderno.

Eu gostaria unicamente de acentuar que a autoficção, gênero literário híbrido duramente criticado por certos teóricos da literatura, torna-se de grande valor se ele for considerado como a expressão de um impasse. Poderíamos dizer, igualmente, fazendo referência à psicanálise, que se trata de uma resistência produtiva porque é um espaço de contradições e revelações. É a partir destes parâmetros que me parece sensato buscar a sua originalidade²³.

Acredito, assim, que a escolha da autoficção por Laferrière traduz perfeitamente a ideia que o autor faz da literatura e de seu próprio percurso – pois jamais separa sua vida vivida de sua vida sonhada. Foi neste entre-lugar que se construiu como homem e escritor e que se interrogou sobre o significado de

²³ HAREL, Simon. «L'autofiction analytique: émergence d'un paradigme contemporain», <http://www.etatsgeneraux-psychanalyse.net/mag/archives/paris2000/texte47.html>, 2000.

ser Outro, negro, imigrante, escritor, inconformado, desencaixado, na América contemporânea.

Para Laferrière, é o lugar que determina o estilo e as estratégias estilísticas que priorizará em cada obra. Sua “autobiografia” é, sobretudo, uma autobiografia dos territórios por onde passou. É o continente americano que lhe interessa, os países que o habitam e que vão sendo desvendados e (re)significados à medida que escreve. O continente americano tem para Laferrière uma importância indiscutível no que diz respeito à construção de sua identidade, enquanto homem e escritor, e a seu posicionamento, sobretudo em relação à França – referência frequentemente idealizada nas ex-colônias francesas do Caribe. Viver no Caribe, no continente americano, ser negro, ter como língua natal o crioulo, ter no histórico um passado de exploração colonial e escravocrata e, ao mesmo tempo, se considerar europeu, francês, e se identificar com o branco, produz uma representação ambivalente e fragmentada do “eu”, que estaria no limite da esquizofrenia. Ao buscar se desligar ideologicamente da França, despede-se, igualmente, do fantasma da África mítica, nostálgica e idealizada pelos negros da diáspora e em particular pelos “indigenistas” do Haiti. Pois segundo ele,

il faut la France pour que l’Afrique, cette Afrique-là, puisse exister dans ma tête. C’est un couple, et comme pour tout couple, on ne sait plus avec le temps qui avait raison ou qui avait tort. Franchement, mon cher, je m’en fous. La France et l’Afrique m’ont créé. Si j’élimine un, l’autre disparaît au même moment. Cette Afrique mythique n’existe que dans la Caraïbe. C’est une invention d’intellectuels aux abois. Contre la trop puissante France, ils ont inventé cette Afrique. Mais ça ne marche pas. Un rêve contre un mythe. Trop fantasmagorique. Cet Univers complètement artificiel a contribué à créer une élite intellectuelle véritablement schizo-phrène. La France colonisatrice et l’Afrique mythique. Réveillez-vous les gars, nous sommes en Amérique. Mais quelle Amérique? [...] Le Nouveau Monde fut ma réponse²⁴.

²⁴ LAFERRIÈRE, Dany. « Ce livre est déjà écrit en anglais, seuls les mots sont en français », http://www.lehman.cuny.edu/ile.en.ile/paroles/laferriere_celivre.html, 1999.

Desprender-se da França sonhada e da África mítica implica, para ele, reconstruir simbolicamente a ideia de Novo Mundo – em parte criada pelo imaginário do colonizador europeu – e desvendar a América de dentro, a partir de suas experiências, fantasias e expectativas: “J’ai découvert qu’en parlant de ma grand-mère dans cette petite ville de la frontière sud-ouest d’Haïti, Petit-Goâve, je me plaçais au cœur du Nouveau Monde. Un monde à la fois réel et rêvé. A partir de ce moment, j’ai remonté la piste jusqu’à mon enfance”²⁵.

Segundo Laferrière, existem três tipos diferentes de “eu” em seus romances: um autêntico, mais próximo do “eu” do autor, presente, sobretudo, nos romances da infância e adolescência; um “eu” mais próximo dos fantasmas do autor; e, finalmente, o “eu” que toma emprestado as histórias alheias.

Certains « je » sont simplement une ruse de narration afin de rendre plus aisée la lecture : le lecteur est habitué au « je », donnons-lui du « je ». Par contre, il y a un « je », le plus couramment utilisé, qui est très juste, très directe et vraiment naturel : le « je » de « L’odeur du café », de même que celui du « Charme des après-midi sans fin », de « Chronique de la dérive douce » et de « Pays sans chapeau ». Il y a aussi le « je » de « Éroshima » (je n’ai pas vécu dans la chambre de cette japonaise, mais cela m’aurait beaucoup plu) ; c’est un « je » de fantasme, mais c’est aussi important que le « je » authentique. Le « je » contaminé à phagocyter les « je » des autres (se servir d’une histoire qui est arrivée plutôt à un ami). J’aurais pu ajouter un « je » générationnel quand il s’agit d’un ensemble de personnes qui ont grandi ensemble dans la même époque, sous une même dictature (je tente alors de fondre toutes ses sensibilités dans le « je » du narrateur)²⁶.

Nesse sentido, as abordagens de ficcionalização da realidade presentes na “autobiografia americana” variam em função do lugar e do momento que vive

²⁵ LAFERRIÈRE, Dany. « Ce livre est déjà écrit en anglais, seuls les mots sont en français », http://www.lehman.cuny.edu/ile.en.ile/paroles/laferriere_celivre.html, 1999.

²⁶ LAFERRIÈRE, Dany. *J’écris comme je vis*. Outremont: Lanctôt, 2000. p. 199.

o autor-narrador. O “eu” autoficcional presente na maioria dos romances do ciclo haitiano tende a ser mais espontâneo e sensorial, captando as emoções à flor da pele, de maneira mais direta e com menos mediação. Esse “eu” dos primeiros romances, mais transparente, vai-se transformando, a cada novo exílio, a cada nova perda e percepção das desigualdades e opressões que o cercam – o exílio do pai, a dor da mãe, o assassinato do amigo, a mão de ferro e a censura diária do regime ditatorial, a miséria de muitos e a fortuna de poucos. Mas a mudança mais flagrante de olhar e postura do narrador diante do mundo (e do texto) se dá ao fazer a passagem do “mundo negro” ao “mundo branco”. Gradualmente, um sentimento de estranheza, de estupefação, vai tomando conta do “eu” do narrador, que se torna mais ficcionalizado e fantasmático. A linha divisória, que separa realidade e ficção, fica mais tênue a cada romance. Do primeiro romance da “autobiografia” (*L'odeur du café*) ao último (*Pays sans chapeau*) há uma grande transformação: vai-se de uma narrativa de infância com muitos elementos autobiográficos a uma narrativa povoada pelo universo fantasioso, supersticioso e mágico da cultura haitiana, em que a fusão entre ficção e realidade, entre vida real e vida sonhada atinge seu ápice. Assim sendo, *Pays sans chapeau* pode ser considerado o romance da “autobiografia americana” que melhor ilustra a teoria autoficcional e a experiência do entre-lugar, pois é o que entrelaça de maneira mais profunda os diferentes “eus” do autor-narrador, suas diferentes referências culturais – míticas, científicas, factuais, sensoriais e intelectuais.

Muitas questões movem o autor-narrador neste retorno ao país natal: no que o Haiti se transformou? No que « eu » me transformei? “*Faut-il considérer les gens qui ont vécu trop longtemps à l'étranger comme des Haïtiens*”²⁷? São estas entre outras perguntas que *Pays sans chapeau* busca responder.

Je suis là, devant cette table bancale, sous ce manguier, à tenter de parler une fois de plus de mon rapport avec ce terrible pays, de ce qu'il est devenu, de ce que je suis devenu, de ce que nous sommes devenus, de ce mouvement incessant qui peu bien être trompeur et donner l'illusion d'une inquiétante immobilité²⁸.

²⁷ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 184.

²⁸ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 37.

Por um lado, o narrador fala da vida privada, da intimidade – o encontro emocionado com a mãe Marie e com a tia Renée, com os amigos de infância, Philippe e Manu, com Lisa, mulher por quem se apaixonou sem nunca se declarar – com uma doçura rara e uma emoção discreta. Por outro lado, descreve a vida pública – as caminhadas por Port-au-Prince, os anônimos, a pobreza, os lugares por onde passa – sem perder a lucidez e uma eventual ironia. Em sua redescoberta do país natal, Laferrière se deixa capturar por uma infinidade de impressões sensoriais, odores, cores, imagens e sabores, que o impressionam e captam permanentemente sua atenção. Finalmente, como contraponto ao país real (público e privado), o narrador reencontra o Haiti mitológico, o qual, apesar dos anos no exílio, nunca deixou de povoar seu imaginário.

O imaginário popular, as referências culturais e afetivas, as primeiras e formadoras experiências da infância e da adolescência de Laferrière pertencem ao Haiti. Foi este refúgio imaginário que lhe permitiu sobreviver na América do Norte, conviver com a solidão, o preconceito, o racismo, as dificuldades financeiras. Foi, assim, povoado de contos, mitos, provérbios e lendas crioulas que enfrentou o frio, as diferenças e desvendou a cultura do Outro. Sem nunca deixar de estar imerso nesse imaginário haitiano, foi, com o passar do tempo, transformando essa herança cultural em algo novo, híbrido. Segundo Joëlle Vitiello, o Haiti é frequentemente representado de maneira ambivalente pelos “escritores migrantes” residentes no Quebec.

O Haiti ocupa uma dupla função: ausente, é o lugar da falta, de onde surgirá a escrita; presente, ele se revela alienante, daí a necessidade de exorcizá-lo, ou seja substituí-lo por um Haiti ideal do qual se poderia sentir saudade sem as dores da ambivalência que se sente em relação a uma terra natal vitimizada e brutal ao mesmo tempo. A partir desta relação dilacerante com a ilha natal nasce a escrita, tentativa perpétua de resgatar as memórias afetiva, cultural e coletiva, para retomar os esquemas teóricos propostos por Régine Robin a propósito da escrita e do exílio²⁹.

²⁹ VITIELLO, Joëlle *apud* MATHIS-MOSER, Ursula. *Dany Laferrière: la dérive américaine*. Montréal: VLB Éditeur, 2003. p. 282.

O autor-narrador Vieux passa a maior parte de seu tempo entre o reconhecimento da cidade, a companhia da família e a escrita – “*j’écris tout ce que je vois, tout ce que j’entends, tout ce que je sens*”, pois “*tout. Tout, m’intéresse*”³⁰ afirma. Como um “*peintre primitif*”, o narrador “*attrape au vol un souvenir*”³¹ tentando traduzir na escrita as múltiplas e efêmeras emoções que experimenta ao rever o país – “*tiens, un oiseau traverse mon champs de vision. J’écris: oiseau. Une mangue tombe j’écris: mangue*”³². Em *Pays sans chapeau*, o narrador está escrevendo um romance que funciona como uma *mise en abyme* do romance que escreve Laferrière, a história que lemos corresponde ao texto que escreve Vieux durante a viagem, no quintal da casa materna, sob um manguezal. Assim como no quadro de Matisse, *Intérieur rouge*, que Vieux afirma admirar em seu primeiro romance, um quadro é pintado dentro do quadro, nessas duas obras, um romance é escrito dentro do romance. E assim, a realidade se desdobra, passado, presente e futuro se encontram nesta encruzilhada de impressões – “*écrire c’est essayer de maîtriser le temps, en racontant je me rends par un moment maître du temps*”³³ – afirma o autor.

Esta questão do tempo é muito tematizada em *Pays sans chapeau*, a volta a Port-au-Prince é uma volta no tempo, uma tentativa, no fundo frustrada, de fazê-lo parar. “*Je suis resté vingt ans en chemin*”³⁴, afirma Vieux, que perdeu neste longo percurso a noção do tempo, e justamente por isso gostaria de encontrar tudo como antes. De fato, em diversos momentos do romance o autor tem a impressão de que o tempo não passou no Haiti, sobretudo, nos espaços da cumplicidade familiar. Ele reencontra a mãe com o mesmo sorriso, a mesma doçura e a mesma dor recolhida; assim como a tia Renée vê nele o mesmo menino indefeso, de há vinte anos.

-Bon dis-je, je vais vous demander de vous retourner.

-Pourquoi? Demandent-elles en chœur.

³⁰ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 81.

³¹ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 153.

³² LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 15.

³³ LAFERRIÈRE, Dany. *Comment faire l’amour avec un Nègre sans se fatiguer*. Montréal:VLB, 1985, p. 25.

³⁴ LAFERRIÈRE, Dany. *Comment faire l’amour avec un Nègre sans se fatiguer*. Montréal:VLB, 1985, p. 19.

-Parce que je vais me changer, mesdames.

Un brusque éclat de rire.

-Ça ne nous fait pas peur, hein Marie ! lance tante Renée un peu gaillardement.

Sourire vaguement gêné de ma mère.

-Écoutez, j'ai quarante-trois ans...

Ciel ! qu'ai-je dit pour provoquer cette explosion de rires en cascades. Tante enée se jette littéralement sur le lit [...] ³⁵

Durante todo seu reconhecimento da cidade e das pessoas, observa e ressalta o inalterado; o sapateiro, por exemplo, que há vinte anos trabalha no mesmo lugar, atrás do mesmo balcão, ou os amigos de infância, que o recebem com o mesmo carinho de há vinte anos. Assim, a passagem do tempo é mascarada – “*sommes-nous em 1976 ou em 1996*”³⁶, pergunta-se o narrador e afirma “*je reprends ma vie au moment où je l'ai quittée. Je respire à plein poumons : libre dans la nuit à Port-au-Prince*”³⁷. Embora em diversas ocasiões sinta que tudo está igual, que o tempo parou, este sentimento oscila, uma vez que também se surpreende e se sente perdido diante das inevitáveis transformações pelas quais passou tanto o país quanto ele mesmo. Em um primeiro momento, ao ouvir as inverossímeis e cotidianas histórias de zumbis, sente-se um estrangeiro em seu próprio país – “*voilà ce que c'est que d'avoir passé près de vingt ans hors de son pays. On ne comprend plus les choses les plus élémentaires*”³⁸. As diferenças e injustiças sociais também o impressionam: a população aumentou, mas o espaço e as condições de habitação continuam as mesmas. A pobreza, o mau cheiro, a falta de higiene, os ambulantes, os bairros populares, a falta de informação, nada disso é realmente novo, mas o impressiona; o calor também causa um certo incômodo, “*mon corps a vécu trop longtemps dans le froid du nord*”³⁹. Mas o que mais lhe surpreende é a falta que todas essas coisas simples, e não necessariamente boas, podiam lhe fazer – “*cette poussière, les gens, la foule, le créole, les odeurs de fritures, les mangues dans un arbre, les femmes, le ciel*

³⁵ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 32.

³⁶ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 144.

³⁷ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 83.

³⁸ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 104.

³⁹ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 36.

*bleu infini, les cris interminables, le soleil impitoyable...*⁴⁰. Os sentimentos do narrador são contraditórios, resvalam entre o reconhecimento e a incompreensão, a identificação e a estranheza. *Pays sans chapeau* é a combinação perfeita do sentimento de pertencimento e do de estranheza, do olhar cúmplice e do olhar distanciado, da experiência sensorial, estética, afetiva e ao mesmo tempo intelectual.

O romance tem uma estrutura binária que alterna capítulos cujos títulos são “País real” e “País sonhado” e cujas epígrafes são provérbios crioulos traduzidos, literalmente, para o francês. As partes intituladas “País real” são subdivididas em pequenas prosas, acompanhadas de um título, aparentemente aleatórias, que narram impressões diversas. O país real é a ternura da mãe, as refeições em família, o cotidiano, os amigos, os encontros fortuitos com pessoas comuns, os bairros pobres, o medo de ficar ainda mais pobre, os imprevistos constantes, a concepção diferente do tempo – “*prends ton temps Vieux... Ici, le temps ne coûte rien*”⁴¹. A morte sempre iminente, antes por culpa da ditadura, hoje por culpa da miséria e do abandono do estado é um tema recorrente; a luta pela sobrevivência não dá tréguas no Haiti, mas, por falta de escolha, todos aprendem a se virar. Laferrière narra os dramas pessoais dos haitianos que cruzam seu caminho, a dificuldade para sustentar e criar os filhos, a informalidade, o desânimo. Há desordem em todas as partes: “*le silence n'existe à Port-au-Prince qu'entre une heure et trois heures du matin*”⁴² o que nos mostra o autor é que a vida tende a ser pública nesta confusa capital.

Na parte intitulada “País sonhado” o texto é fluido, sem subdivisões. O país sonhado é o país do vodu, das superstições, das fantasias, dos mitos, dos quadros “naïfs”, das credices populares. É um país onde os deuses ainda circulam ao lado dos homens, onde o diabo se parece com o um amigo da família, onde o mal existe de fato e não é apenas um tema de dissertação. É como se todo um país não distinguisse mais o sonho da realidade.

On dirait que deux pays cheminent côte à côte, sans jamais se rencontrer. Un petit peuple se débat le jour pour survivre.

⁴⁰ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 154.

⁴¹ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 155.

⁴² LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 13.

Et ce même pays n'est habité, la nuit, que des dieux, des diables, d'hommes changés en bêtes. Le pays réel : la lutte pour la survie. Et le pays rêvé : tous les phantasmes du peuple le plus mégalomane de la planète⁴³.

Mas entre o país real e o país sonhado, entre o Haiti e o Quebec, entre a magia e a racionalidade, está a literatura, a representação que o autor fará dessa realidade.

Num país onde importa mais crer do que saber, o próprio autor se diz profundamente marcado por esta crença no sobrenatural, seu saber intelectual, sua ironia, suas leituras, nada pode protegê-lo da fantasia; o imaginário deste país o povoa e é isso que traduzirá na escrita. Além das histórias, dos contos e dos provérbios crioulos que sempre ouviu de sua avó, Laferrière conviveu com o vodu, com o catolicismo e com o protestantismo desde a infância. “Foi durante esta época magnífica, minha infância no coração da magia, que minha sensibilidade foi formada. Eu não discuto a veracidade de tais acontecimentos. Estas são coisas que me habitam profundamente. Eu sempre posso, durante o dia, falar disso com um sorriso divertido, mas eu sei que não sinto o mesmo durante a noite⁴⁴”.

“País sem chapéu” é como se chama, no Haiti, o mundo dos mortos, porque nunca ninguém é enterrado com chapéu. A morte é definitivamente uma presença no Haiti. Para muitos haitianos, como a avó do narrador, a morte é, por um lado, cercada de uma aura de mistério e medo; por outro, é vista como uma continuação da vida, um morto da família, por exemplo, nunca deixará os vivos: “Quel que soit l'âge de la personne, quel que soit la cause de sa mort, c'est toujours une histoire de diable. ‘On l'a mangé’ [...] les morts ne quittent pas les vivants, on fait comme s'ils y étaient parmi nous⁴⁵”.

A fronteira que separa a vida e a morte é bastante tênue no romance, não há maniqueísmo – “*ici, il n'y a ni bons ni méchants, juste des morts*”⁴⁶ – diz Marie. A afirmativa de que quase todos estão mortos no Haiti é repetida em diversos momentos do livro: pela mãe, pelo pai (em uma lembrança do per-

⁴³ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 46-47.

⁴⁴ LAFERRIÈRE, Dany. *J'écris comme je vis*. Outremont: Lanctôt, 2000. p. 209.

⁴⁵ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 201.

⁴⁶ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 94.

sonagem), por pessoas que encontra na rua, pelo vizinho, por intelectuais e pelo próprio narrador – “*le pays est devenu le plus grand cimetière du monde*”⁴⁷ – afirma. “C’est ainsi que Da me décrivait les gens qui vivaient dans l’au-delà, les yeux très grands dans les visages osseux, et surtout cette fine poussière. L’au-delà. Est-ce ici ou là-bas? Ici n’est-il déjà là-bas? C’est cette enquête que je mène”⁴⁸.

Se nem todos os haitianos estão mortos é porque estão loucos, é a essa conclusão que chega o amigo de infância Philippe, não há saída – estão todos loucos no país por causa do sol constante, da fome de poder e da falta de sexo (o fato das casas serem pequenas e com muitos habitantes dificulta os encontros sexuais). Todos têm uma teoria de como o sobrenatural e uma espécie de megalomania “devora” o povo haitiano. Segundo Philippe, todo haitiano tem uma única ambição: “*devenir président du pays peut-être le plus pauvre du monde*”⁴⁹ –, já, na opinião de Vieux Os, todo haitiano tem um pouco de ditador e de Deus vodu em si; “*il n’y a pas de solution tout nous pousse vers la folie et le désespoir*”⁵⁰ – afirma Philippe. O próprio pai de Laferrière enlouquece por achar que estavam todos mortos no Haiti, o autor narra neste último romance, o único encontro que teve, doze anos antes, com o pai exilado em Montreal.

- Qui est là?
- Ton fils, dis-je.
- Je n’ai pas d’enfant, tous mes enfants sont morts.
- C’est moi papa, je suis venu te voir.
- Retourne d’où tu viens, tous mes enfants sont morts en Haïti.
- Mais je suis vivant papa.
- Non, il n’y a que des morts en Haïti, des morts ou des zombis. Il n’a pas ouvert la porte et je suis parti. Ce fut notre unique conversation⁵¹.

⁴⁷ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 54.

⁴⁸ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 65.

⁴⁹ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 186.

⁵⁰ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 184.

⁵¹ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 212.

O retorno ao país natal e a visita ao país sem chapéu é, sem dúvida, uma tentativa de compreender tudo isso. Que país é esse que produz loucos, mortos-vivos, megalomania coletiva ou desesperança? O que significa tanta superstição? Que tipo de insatisfação, de sofrimento a sociedade haitiana tenta transmitir ou abafar através desta fixação na morte, na crença em zumbis errantes, miseráveis, escravizados ou capazes das maiores atrocidades?

Todos no romance se aproximam de alguma forma do sobrenatural, sejam eles intelectuais, artistas ou pessoas do povo. A mãe de Vieux Os morre de medo dos zumbis e narra, com grande seriedade, a fuga dos mortos de um cemitério:

- L'armée de zombis, finit-elle par murmurer. Ils sont des dizaines de milliers. Les prêtres vaudou ont ratissé le pays du nord au sud, de l'est à l'ouest. Ils ont ratissé tous les cimetières du pays. Ils ont réveillés tous les morts qui dormaient du sommeil du juste [...]⁵².

- Les gens sont morts, conclut-elle, et on refuse de les laisser se reposer en paix. Avant, le cimetière était le seul endroit sûr en Haïti. Maintenant je me demande si on fait une bonne affaire en mourant dans ce pays⁵³.

Existem três tipos de zumbis, o zumbi *astral* – cuja alma é controlada pelo feiticeiro –, o zumbi *cadavre* – um morto-vivo que pode ser escravizado –, e finalmente o zumbi *savane* – zumbi que voltou à vida. No imaginário popular, os zumbis são considerados ora dignos de piedade, ora perigosos e ameaçadores. Tornar-se um zumbi pode ser também uma espécie de punição a certos atos degradantes, como a ambição em excesso, a difamação, a traição, etc. No Haiti, os zumbis seriam vítimas dos “houngans” (pais de santo), que através de uma droga fazem com que suas vítimas pareçam mortas-vivas, – pois embora com aparente paralisação das funções vitais continuam conscientes –, a fim de escravizá-las.

⁵² LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 48.

⁵³ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 50.

Pelo que se sabe, o vodu, palavra de origem africana que significa espírito, começou a ser praticado no Haiti no século XV e seria uma mistura de diferentes ritos, em parte católicos, em parte africanos. A religião começou a ser praticada pelos escravos africanos que não podiam exercer abertamente a sua própria religião, mas foram forçados a adotar, publicamente, as práticas religiosas dos colonizadores católicos. Esta prática religiosa sincrética se tornou uma forma de resistência à condição escrava e à opressão colonial, tendo em vista sua capacidade de manter a comunicação, a coesão e certas tradições culturais entre os escravos. A crença vodu se fundamenta em uma linhagem de deuses, *os loas*, espíritos que equivaleriam aos santos católicos. Existe uma grande variedade de loas, entre os quais estão Legba – que tem a função de intermediário de mensageiro dos Deuses –, Ogoum – que representa a força guerreira –, Erzulie – loa do amor, que representa o amor sob todos os aspectos, espiritual ou carnal. Deuses que o narrador Vieux tem o prazer, ou o desprazer, de conhecer durante sua visita ao país sem chapéu. O vodu, assim como o catolicismo, prega a proteção e a ajuda aos mais fracos, seja pelas pessoas próximas ou pelos ancestrais mortos. O que se espera desta religião é o que se espera das religiões em geral, uma explicação compartilhada do mundo, um pouco de esperança, de justiça ou de vingança, em síntese, o que o mundo real, frequentemente, não pode oferecer. Tendo em vista o cenário e as circunstâncias do nascimento do vodu – em meio ao sofrimento, ao medo e à violência da escravidão e do sistema colonial –, percebe-se como consequência um temor desmedido e coletivo dos espíritos maléficos e de se transformar novamente em escravos ou em zumbis. Esta fé se baseia na ideia de que a realidade é um tipo de máscara por trás da qual forças sobrenaturais, espirituais, vivem e exercem seu poder, protegendo ou punindo. É como se dois mundos existissem de fato paralelamente, não há separação entre o sagrado e o profano, o material e o espiritual, os vivos e os mortos.

O vodu é uma resposta aos sofrimentos e humilhações sofridas durante a colonização e à miséria que permanece; transmite a angústia e a esperança de se estar em contato com “o outro lado”. O vodu traduz fantasias coletivas, simultaneamente ameaçadoras e libertadoras. Por um lado, vive-se com medo de ser atacado ou transformado em zumbi; por outro, se vive a chance de fugir da realidade e de estar em contato permanente com os deuses e com os mortos. Ora os zumbis são temidos porque podem fazer o mal, ora são

escravizados, explorados e dignos de piedade, trata-se de uma ambiguidade experimentada pela própria sociedade haitiana. Da mesma forma que o povo se orgulha de sua força, de ser a primeira república negra no mundo, sofre com a situação de pobreza e de exploração que viveu e ainda vive.

Diz-se morto-vivo e isso indica a posição ontológica do personagem que oscila entre a vida e a morte, que se encontra, por consequência, em uma verdadeira terra-de-ninguém onde não se sabe mais se é um ser vivo, logo uma pessoa de direito, ou um morto, logo uma não pessoa, um puro e simples objeto⁵⁴.

Essa dualidade entre o poder e a fraqueza, o orgulho e a piedade, a ciência e a magia, o dia e a noite, está presente em todo o romance. De dia, o exército americano é sinônimo de poder na capital haitiana, mas à noite só o exercito de zumbis controla a situação: “*le jour, ce ne sont que des nègres mal équipés[...]mais la nuit...*” – afirma Marie, “*oui maman, je trouve cette division du travail parfaite. Le jour à l’Occident. La nuit à l’Afrique*”⁵⁵.

Essa presença constante da morte e do sobrenatural no romance também pode ser compreendida como uma crítica à atual situação socioeconômica do país e como metáfora da sobrevivência à miséria. Ou seja, Laferrière, ao mesmo tempo em que faz uma crítica da terrível situação haitiana, percebe que, apesar de todas as dificuldades, o povo consegue, com esperteza, driblar a miséria e a fome, viver apesar de mortos, ou ainda, tudo suportar porque já se está morto. “*Si on était des êtres humains, continue-t-il, vous croyez qu’on survivrait à cette famine, à tous ces tas d’immondice qu’on trouve à tous les coins de rue*”⁵⁶ – diz um engraxate com quem Vieux conversa em um de seus passeios pela capital. Um bom exemplo da morte como metáfora da capacidade de sobrevivência está na narrativa que Laferrière faz de Bombardopolis, cidade no norte do Haiti, cujos habitantes só precisam comer de três em três meses, e que está sendo objeto de estudo de cientistas de todo o mundo. Laferrière,

⁵⁴ LAROCHE, Maximilien *apud* BERND, Zilá. “O maravilhoso como ponto de convergência entre a literatura brasileira e as literaturas do Caribe”, <http://members.tripod.com/lfilipe/maravilhoso.htm>, 1997.

⁵⁵ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 61.

⁵⁶ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 54.

neste caso, não nos poupa de ironia; os pesquisadores não detectam nada de diferente nesses haitianos, com exceção de um linguista belga que afirma ser a língua crioula a grande responsável pelo ocorrido:

- Mais je parle créole aussi! S'exclame Philippe sur un ton sarcastique. Alors pourquoi je suis obligé de manger trois fois par jour?

- Il paraît que le créole de Bombardopolis est le plus pur d'Haïti. L'accent aussi. Je n'ai pas très bien compris, mais les types de la NASA ont pris des notes durant toute son intervention. Le linguiste belge a expliqué que ces hommes, les habitants de Bombardopolis, sont devenus, d'une certaine manière, des plantes. Il a longuement expliqué comment la photosynthèse a fonctionné dans ce cas-ci. Par une sorte d'accord total entre l'homme et la nature...⁵⁷

Philippe conclui ironicamente que o crioulo e a miséria haitiana seriam, por conseguinte, os grandes salvadores da humanidade na luta contra a fome: “*dans moins de deux cents ans, le créole risque de devenir la langue universelle, ce qui réglerait par le fait même le problème de la faim*”⁵⁸.

A volta ao Haiti é tão densa que Laferrière não se limita apenas a visitar o país real, observar a pobreza crescente, encontrar amigos ou ouvir as histórias sobrenaturais da mãe. Não se limita tão pouco a falar com intelectuais crédulos, como fez nas partes intituladas “País sonhado”, em que inicia uma pesquisa para compreender todas estas histórias de zumbis e mortos que ouve por toda parte. Nada do que ouve é suficiente para Vieux, ele quer compreender profundamente seu país, saber de onde vêm seus fantasmas e mitos, por isso continua a viagem até o mundo dos mortos, *le pays sans chapeau*, para conhecer de perto os deuses vodus que povoam o imaginário mítico do seu povo. Mas esse mergulho no imaginário vodou não é feito com reverência, o narrador, ao contrário, mantém o mesmo olhar curioso, por vezes, cético e irônico de antes. Antes de partir, Vieux encontra um poderoso feiticeiro, que

⁵⁷ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 169-170.

⁵⁸ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 170.

vive entre os dois mundos, e que lhe propõe a chance de visitar o mundo dos mortos. Assim, durante um sonho, esta porta lhe é aberta por Legba. Legba, segundo a tradição vodu, é o primeiro *loa* que se encontra ao penetrar no outro mundo, aquele que abre caminho para a comunicação com os outros *loas*. Ele é frequentemente representado sob a aparência de São Pedro, que guarda as chaves do paraíso. A primeira impressão do país sem chapéu surpreende pela semelhança com o país real: a mesma aridez, a mesma poeira fina e branca, e alguns burros.

Je continue mon chemin, l'oeil aux aguets, m'attendant à voir à chaque pas quelque chose d'inattendu, une forme mystérieuse quelconque. Rien de tout cela, à part cette légère poussière blanche que soulève un petit vent coquin. De temps en temps je croise un âne chargé de Calebasses, mais rien d'autre⁵⁹.

Em seus encontros com os deuses do vodu, Vieux não os reconhece, tamanha é a diferença entre o que se vê e o que se esperava ver naquele lugar. A primeira *loa* com quem fala é uma adolescente brincalhona filha de Ogou, deus do fogo, com quem cruza em seguida, estressado com a esposa Erzulie que o desmoraliza totalmente: “Je dois te dire que, depuis que ce cher Ogou ne bande plus, je suis obligée de trouver mes partenaires chez les mortels, et ils ne font pas le poids, naturellement. C'est que je peux baiser facilement tout un mois sans m'arrêter”⁶⁰.

Vieux encontra por último Erzulie, deusa do amor, que, muitas vezes e surpreendentemente, aparece sob a aparência da Virgem Maria, mas que na crença vodu é extremamente sensual e provocadora, meio virgem e meio prostituta. A Erzulie do romance é quase uma caricatura, come lagarto, é tarada, muito sexy, um pouco histérica, quer fazer sexo um mês seguido com o narrador, critica o desempenho sexual de Ogou e admira Martin Luther King. O autor pinta um retrato, no mínimo, surreal e muito irônico destes deuses. O que faz Laferrrière, satiricamente, é aproximar os deuses dos homens, exagerando seus defeitos e qualidades.

⁵⁹ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 218.

⁶⁰ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 222-223.

Ce n'est décidément pas l'enfer de Dante [...]. Au lieu de ça, j'ai à me mettre sous la dent les ricanements d'une déesse adolescente, et les lamentations d'un père, supposément le terrible Ogou Ferraille, qui m'a plutôt l'air d'un pauvre ouvrier pris jusqu'au cou des frustrations matrimoniales. Étais-je ici pour entendre un dieu me raconter ses misères avec sa femme ? Et surtout, est-ce avec ce ramassis de ragot petit bourgeois que le vaudou compte faire face aux mystères du catholicisme ? Je ne peux pas le croire⁶¹.

A ironia está no exagero e na semelhança com os homens. Estes seres que deveriam ser um exemplo de sabedoria, força e coragem são, segundo Vieux, “*des dieux de classe moyenne*”⁶², estranhos e nada virtuosos. O mundo dos deuses vodus não tem grandes diferenças do mundo real.

Esta é a ideia central da obra: o mundo real e o sonhado estão entrelaçados, formam um todo complementar, por isso mesmo o último capítulo se intitula “País real/País sonhado”, estes mundos são inseparáveis e interdependentes. O que nos mostra Laferrrière em sua autoficção é que a vida de um homem, assim como a vida de uma nação, precisa de sonhos, fantasias e mitos para se fazer significar. Esse mergulho no imaginário vodu, na mitologia e também na dura realidade de seu povo representa um profundo mergulho dentro de si mesmo, uma forma de se buscar e elaborar sua “verdade”. A experiência na América do Norte o levou a se descobrir através da diferença e compreender que sempre existirá um Outro que o nomeará, que criará uma representação estereotipada a seu respeito. A volta ao Caribe o leva a se redescobrir através do suposto semelhante e a buscar uma compreensão profunda das contradições de seu país de origem para saber de onde se vem e, assim, poder seguir em frente.

Para concluir, diria que o que torna *Pays sans chapeau* uma obra tão fascinante e enriquecedora é o fato de Laferrrière falar do Haiti (e consequentemente de si) a partir de diferentes lugares. Trata-se, principalmente, de três olhares diferentes: do haitiano, que ainda sonha com seres enfeitados, que se

⁶¹ LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 222-223.

⁶² LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999. p. 222.

identifica com as tradições de seu país e que o percebe de dentro; do imigrante que viajou pelo mundo, que é crítico, irônico, grande leitor, e que se surpreende com o vê; e, por fim, do escritor que transita nestes dois mundos e que é capaz de uni-los e reinventá-los em sua narrativa. *Pays sans chapeau* traduz, nesse sentido, tanto na forma como no conteúdo, a experiência do entre-lugar, que transita entre a realidade e o sonho, a vida privada e a vida pública, as experiências cotidianas e os mitos populares, a escrita e a observação, o lá (Quebec) e o aqui (Haiti), o passado o presente, a imobilidade e a transformação, a ficção e a biografia.

PAYS SANS CHAPEAU: UNE AUTOFICTION AMÉRICAINE, ENTRE LE RÉEL ET RÊVÉ

RÉSUMÉ

Cet article fait une analyse du roman *Pays sans chapeau* de l'écrivain haïtien, résidant au Québec, Dany Laferrière. Il cherche à montrer comment, après une longue expérience en exil, le retour de l'auteur-narrateur au pays d'origine (Haïti), où redécouvre le pays réel (public et privé) et le pays rêvé (mythologique), contribue à l'élaboration d'un texte autofictionnel qui traduit à la fois dans la forme et dans le contenu l'expérience de l'entre-deux.

MOTS-CLÉS: autofiction, exil, Haïti.

Recebido em: 20/03/12

Aprovado em: 26/11/12